



VOZES da
AGRICULTURA
ecológica

Capítulo 13

**ALTEMIR DA COSTA
(TIRIVA)**

dezembro, 2017

Laércio Meirelles



Altemir da Costa (Tiriva)



dezembro, 2017

O Rio da Panela é uma comunidade particularmente interessante no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Dista 16 quilômetros da sede do município, Mampituba, segundo a Fundação Economia e Estatística — FEE do RS, dentre os 10% mais pobres do estado.

A exuberância da natureza não se coaduna com esse dado econômico. A paisagem é entrecortada por uma fartura de pequenos rios, encaixados em montanhas de onde pode ser visto um mosaico de verdes conformado por pastagens, bananais e resquícios de Mata Atlântica. Essas nuances de verdes são percebidas também nas várzeas, onde podemos ver algumas lavouras de milho, tabaco e, principalmente, arroz.

No Rio da Panela mora o casal Altemir (mais conhecido como Tiriva) e Maria da Costa, próximos aos seus quatro filhos, dois deles casados. No total, cultivam 12 hectares de bananas, manejados de forma ecológica em Sistemas Agroflorestais.

Tiriva nasceu em 1965 em uma comunidade vizinha. Aos quatro anos foi com os pais e sete irmãos para Porto Alegre. Voltou quase dez anos depois. É ele, com seu modo característico de se expressar, que me diz:

— *Aqui, meu pai era carpinteiro, fazia casas e*

carros de boi. Em Porto Alegre trabalhou muitos anos de servente, até que achou um martelo.

Nas férias a família retornava sempre ao Rio da Panela, naquela época município de Torres e trabalhava nas terras do avô. Até que cansou da cidade e resolveu voltar definitivamente ao interior. Ele de novo:

— *Aqui começamos a brincar de trabalho de roça, sempre em terra dos outros.*

Em 1982, o avô lhes deu três hectares de terra para trabalharem.

— E trabalharam com banana?

— *Não, nessa época era só planta de semente, coisas para comer. Laércio, nunca conseguíamos plantar mais do que para comer. Lembro bem, eu tinha 17 anos. Metemos a foice naquele mato e plantamos. Empilhou milho, arroz e feijão.*

Tiriva conta que as coisas foram melhorando a cada ano e, com mais comida em casa, começaram a engordar uns porcos.

— *Não preciso dizer para o Laércio que, para um agricultor pobre, carnear uma porca é dia de festa.*

Em 1984, compraram dois hectares de terra e plantaram banana. Com pouca experiência, acabaram trazendo mudas com uma doença bastante comum em bananeiras conhecida como “Mal do Panamá”. Ainda assim, com a banana, a renda da família foi melhorando e o pai pôde comprar mais sete hectares. Ainda que essa área não fosse toda produtiva, foi possível plantar mais um pouco de banana. Pergunto se era mais fácil que hoje comprar terras.

— *Sim, muita gente saía, porque naquela época era o esquema de fazer roça, aí a terra berrou né, Laércio, ficaram improdutivas.*

Esse é um esquema de plantio que perdurou por séculos, hoje proibido na região pela legislação ambiental. Não é mais permitido cortar a vegetação alta, roçar a mais baixa e colocar fogo na área para posterior plantio de milho, feijão, mandioca

ou outros cultivos. Esse manejo degradou muito as terras. Como disse o Tiriva, elas berraram. Com baixa produção, restou a muitas famílias deixar o interior e ir engrossar as periferias das cidades. Esse fenômeno social, ainda existente, teve seu auge nos anos 1970 e 1980. Com pouca qualificação para trabalhos urbanos, vivem e comem mal, muitas vezes em uma espécie de exílio emocional relativo aos seus tempos de “vida na roça”.

Em 1985, Tiriva casou-se com a Maria. Logo depois de casado, outro momento de dificuldade econômica. A banana tinha pouco valor, o preço pago pelo único atravessador que chegava até a comunidade era muito baixo. Para complicar mais, em 1987, uma nevasca destruiu os bananais. Tiriva conta que mais uma leva de gente saiu da comunidade nessa época para morar em Torres. Alguns chegavam a abandonar os bananais. Ele pensou nessa possibilidade, mas optou por trabalhar como diarista.

Quando os bananais começaram a melhorar, veio a ideia de pulverizar as bananas com óleo mineral e algum veneno. Tiriva praticamente não chegou a usar essas técnicas, não tinha dinheiro para investir.

Tiriva refere-se à primeira vez que foi convidado pelo Centro Ecológico, na figura do André Gonçalves, e pela Pastoral Rural da região, através do padre Celso, a integrar uma iniciativa de comercialização direta de bananas. Na ocasião, a Prefeitura de Caxias do Sul propunha um equipamento de comercialização denominado de “Ponto de Colheita”. Era um espaço, semelhante a uma feira, organizado pela Secretaria Municipal de Agricultura, onde determinados grupos de agricultores responsabilizavam-se pela comercialização de um único produto, como laranja, feijão ou banana. Sempre vendido pesado, a um determinado preço anteriormente acordado. Hoje, janeiro de 2018, são 800 gramas de banana por R\$ 2,00. O Centro Ecológico sempre teve como um dos eixos de atuação a busca de mercados para produtos produzidos sob os padrões

da Agricultura Ecológica. No caso do Rio da Panela, ainda não existia a prática, por parte dos produtores, de adubações com fertilizantes químicos, altamente solúveis ou pulverizações com venenos. A motivação do Centro Ecológico e da Pastoral nesse trabalho era aproveitar a “natural” qualidade ecológica daquela banana para que fosse comercializada naquele ponto e, com isso, propiciar uma renda melhor às famílias que recebiam um preço aviltado por parte do intermediário.

— *Eu usava quase nada de veneno, não tinha dinheiro. A novidade era madurar, ensacolar e vender. Laércio, tinha gente muito chucra, que não queria vender na cidade indo de caminhão com outros. Uma vizinha chegou a dizer ao grupo: “Eu até vou a Caxias vender banana, mas vou levar duas facas grandes e uma espingarda porque não vou viajar desarmada no meio de dois homens”.*

O fato é que se reuniu um grupo de 15 produtores na comunidade e, um ano depois, foram comercializar suas bananas em Caxias do Sul, assumindo eles próprios o trabalho de maturação, preparação e comercialização da banana.

Ao mesmo tempo em que se buscava melhorar o ingresso com um mercado mais vantajoso, o Centro Ecológico trabalhava para melhorar a qualidade e produtividade dos bananais. No caso do Tiriva posso dizer, grosso modo, que nos pomares, em geral, a primeira ação é aumentar a cobertura verde do solo. Os casos concretos são os mais diversos, mas suspender herbicidas e capinas, semear adubação verde e manejar a vegetação espontânea são iniciativas básicas. Uso de rochas moídas como calcário ou fosfato natural pode ser avaliado, assim como o uso de alguma forma de adubo orgânico como compostos ou esterco. Pulverizações foliares nutricionais também serão utilizadas sempre que necessário.

— *O meu bananal de 2,5 hectares estava cheio de Mal do Panamá, quase não produzia, 25% estava doente. Não era a banana que estava doente, era terra que não estava*

boa. Então, semeei mucuna e nabo forrageiro, eu não tinha dinheiro para comprar esterco. Só fui usar esterco uns dez anos depois. Usei nutrientes nas folhas, cinza e bocaschi no solo. Em oito anos o Mal do Panamá zerou. Aprendi a deixar as árvores crescerem no meio do bananal.

Além desse manejo, tentando melhorar a qualidade do solo, o Centro Ecológico trabalhou, junto às famílias, melhorias nos tratos culturais da banana como, por exemplo, a prática de cortar os inúmeros brotos que uma ‘touceira’ de banana emite. Deve-se eliminar os brotos para que restem sempre três. Esse manejo é, às vezes, denominado de mãe, filha e neta.

Essa simples alteração pode aumentar, consideravelmente, o tamanho e a qualidade dos cachos de banana. Cristiano Motter¹, técnico da equipe do Centro Ecológico, que acompanha a conversa com o Tiriva, recorda que trouxe o agricultor Antônio Model, membro da Acert e morador do município vizinho de Dom Pedro de Alcântara, para ensinar aos agricultores do Rio da Panela esse manejo mais apropriado aos bananais.

Vou tentar resumir essa história que, por sua vez, resume a história de muitos outros lugares. A comunidade manejava a banana com pouco conhecimento sobre a cultura. O conhecimento agrônômico chega na região e, para melhorar a produtividade, para usar “a técnica”, os agricultores são induzidos a fazer análise de solo, corrigi-lo com altas doses de calcário, comprar adubos químicos e agrotóxicos. Junto a isso, chegam técnicas de manejo como o exemplo do mãe,

¹ Cristiano Motter é natural de Aratiba e formou-se em 1995 como Técnico Agrícola na Escola Agrícola de Erexim. Ingressou na equipe técnica do Centro Ecológico em 1998, para trabalhar na região de Torres. Especializou-se em Sistemas Agroflorestais, principalmente os que se baseiam no consórcio de banana e palmeira juçara.

filha e neta na banana ou o aumento da população de milho por hectare ou uma nova variedade de determinado cultivo mais adaptada ou melhor aceita pelo mercado. Os agricultores que assimilam todas essas possibilidades, não raro, melhoram sua produtividade. Nesse quadro, é natural que se faça uma relação de todas as mudanças com o aumento de produção que, bem possivelmente, virá. Imediatamente, as vantagens da correção do solo com calcário, do uso de adubos industrializados e venenos são propagandeadas como fundamentais para uma melhora nas condições produtivas e da vida na área rural. Sofisma.

Sofisma é uma mescla de mentiras e verdades encaixadas em uma certa lógica que esconde o desejo de falsear a verdade. As bondades da mal denominada Revolução Verde são um sofisma. Entendo que a verdade aqui, sem sofismas, é que tratos culturais adequados, reajuste nos espaçamentos ou novas variedades mais adaptadas podem melhorar a produção, independente do uso de venenos ou adubos.

Tiriva e sua família trabalham sob o conceito de manejo agroflorestal. Em seus bananais convivem várias outras plantas ocupando diferentes estratos, superiores ou inferiores ao ocupado pelas bananas. Ando pelo bananal com o Tiriva e vou admirando seu prazer em contar do manejo que faz, da vegetação que cobre o solo, melhorando ano a ano sua qualidade e a produção da banana.

— *O bananal está cada vez melhor, Laércio. Nas melhores áreas, hoje em dia, a banana produz praticamente por conta.*

Ele recorda-se de como seu bananal era infestado de mal do Panamá:

— *Tem áreas em que bananal estava praticamente morto. Hoje duvido você encontrar uma ponta de unha de panamá aqui dentro.*

Como usual entre os agricultores atentos, Tiriva conhece cada palmo da sua área de cultivo. Seguimos caminhando e as observações seguem:

— *Esta área aqui é mais teimosa para produzir, produz sempre um pouco menos.*

Tiriva conta que já usou esterco no bananal, mas hoje usa muito pouco. Ficou caro e ele avalia que não se justifica. Pulveriza biofertilizante enriquecido. A recomendação do Centro Ecológico na região é que se use ao menos um pouco de sulfato de zinco e bórax para enriquecer o biofertilizante. Tiriva também pulveriza duas vezes por ano óleo mineral nas folhas, o que é também comum na bananicultura convencional. Outra prática comum na região, e que ele utiliza, é ensacar as bananas com plástico. Evita danos físicos ao fruto, que podem ser causados pelo vento que faz as folhas roçarem no cacho ou mesmo na hora de colher ou transportar.

Pergunto se tem algo mais a acrescentar sobre o manejo:

— *Estava pulverizando com esterco fervido. Ai assuntei que ele queria amolecer a folha da bananeira. Parei um pouco.*

Sem perceber, Tiriva diz que já estamos na área de banana que é do Leandro, o filho mais velho. Cristiano nota a presença da grama em algumas partes. Boa parte dos herbicidas (veneno usado para limpar as lavouras) usados em bananais é para exterminar a grama. Perguntamos como o Leandro maneja esta grama:

— *Ele está se lixando para a grama. Fica até brabo quando mandam ele acabar com ela. Ela fecha seu ciclo e morre.*

Tiriva continua:

— *O pessoal parece alérgico à grama. Não veem que se a grama está judiando do bananal é porque a terra está fraca.*

Mudo o ângulo do meu olhar e vejo muitas árvores no meio do bananal. Predomínio de louro e, mais ainda, ripeira, apelido local da palmeira juçara, que também atende pelo nome científico de *Euterpe edulis*. Historicamente, na região, ela é cortada para a extração do palmito, o que a colocou na categoria de espécie ameaçada de extinção e protegida por lei.

Quando se percebeu que seu fruto é quase idêntico ao do açaí do norte, cujo consumo cresce exponencialmente, o Centro Ecológico começou um trabalho de incentivo à colheita da fruta, mantendo a árvore em pé. Como ela é ótima companhia para as bananeiras e ainda pode se tornar uma alternativa de renda, dezenas de agricultores vêm semeando a ripeira no meio dos seus bananais. Essa configuração de árvores consorciadas com frutas é denominada Sistemas Agroflorestais.

A paisagem é *sui generis*. Banana, solo coberto de vegetação, árvores em meio ao bananal, céu claro e chuva fina. Bela paisagem do alto do morro e silêncio, só quebrado pelo barulho da água nas folhas e pelas frases certas do Tiriva. Lembro-me das fadas e duendes e penso que se eles precisam, por vezes, descansar das suas lidas de cuidados devem escolher lugares assim.

Descemos do bananal e a conversa segue animada. Ao longo dos anos ocorreram mudanças. Conseguiram, a partir de alguns financiamentos obtidos com o apoio do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), comprar novas terras, o que permitiu agregar outra vez os filhos ao redor da produção e comercialização da banana. Deixaram de participar do grupo de agricultores da comunidade e optaram por comercializar para o Renato.

Renato Leal é um produtor de banana do município de Três Cachoeiras, também Litoral Norte do Rio Grande do Sul, que há 12 anos começou a atuar como intermediário de bananas ecológicas. Hoje, comercializa cerca de 45 mil quilos de bananas ecológicas por semana. Além disso, entrega em doação, semanalmente, 5 mil quilos de banana para o Banco de Alimentos em Porto Alegre, provenientes de bananais



em transição², como forma de apoiar este momento em que a banana ainda não pode ser certificada como ecológica. Renato é membro da Cooperativa de Agricultores Ecologistas da Comunidade de Santo Ângelo (Coopergesa). Começou comercializando bananas dessa cooperativa, mas precisou ampliar seus fornecedores e hoje elas provêm de mais de cem famílias de oito municípios da região. São comercializadas em lojas da Rede Zaffari de Porto Alegre.

Muitos grupos ou famílias de Agricultores Ecologistas da região encontram uma maneira de fazer chegar a banana ao entreposto de comercialização do Renato, onde é amadurecida, embalada, encaixotada e levada a Porto Alegre. A Coopergesa, assim como esse posto de recepção e todos os produtores que fornecem banana ao Renato, são membros da Rede Ecovida de Agroecologia e, nessa condição, têm seus produtos avaliados de acordo com a legislação brasileira para esse tipo de produção agropecuária. Tiriva e sua família não fogem à regra. Dentro da família é Leandro, filho mais velho, que tem a responsabilidade de participar das reuniões do Núcleo Litoral Solidário da Rede Ecovida.

A esta altura já estamos na sala da casa do Tiriva, tomando um mate. Acho que Leandro sentiu o cheiro do almoço da mãe e chegou. Ele vive na casa vizinha aos pais. Começamos a conversar. Conta que nasceu e se criou no Rio da Panela. Tem 31 anos e casou-se em com a Liziane Hoffmann, com quem tem um filho de dois anos. Estudou até a oitava série. Conta, também, que nunca nem pensou em sair daqui.

— *Gosto do mato. Daqui não saio!*

² Transição significa a passagem de uma agricultura convencional, com venenos e adubos industrializados, para a Agricultura Ecológica.

— Mas para os Encontros da Rede Ecovida, você vai?

— *Vou. Vou e gosto muito de ir. Aprendo muito. Deixo até de cortar banana para participar. (Cortar a banana significa colher para vender. De certa forma, a atividade mais importante de um bananeiro).*

Leandro e sua família vivem da banana. Como o pai e os irmãos, vende para o Renato. Quando sobra tempo, planta também feijão, aipim, alho, cana, batata, batata doce. Se produz um pouco mais, ele vende para os vizinhos ou troca com o pai por um produto que não tenha.

Nos bananais, Leandro está dirigindo seu manejo agroflorestal em direção às práticas da Agricultura Biodinâmica. Acho interessante, porque eu que sou da área sei que ele está juntando duas tribos diferentes. A Agricultura Biodinâmica é uma forma peculiar, com alguns manejos bem específicos de pensar e fazer agricultura. Sempre em bases ecológicas.

A biodinâmica emerge de oito palestras feitas por Rudolf Steiner, o fundador da Antroposofia, uma doutrina filosófica de cunho, seguindo o próprio Steiner, científico-religioso. As palestras foram proferidas no Sul da Alemanha em 1924. A partir daí, seguidores de Steiner seguiram suas proposições e desenvolveram formas de manejos adequadas aos princípios e às sugestões feitas. Leandro fala um pouco do seu bananal:

— *É Agroflorestal. Gosto de estar no meio do mato, de aprender com a natureza.*

— E sobre a biodinâmica?

— *Temos um grupinho da biodinâmica aqui no Núcleo da Ecovida. A cada dois meses fazemos uma reunião, vamos trocando informações e aprendendo. Gosto muito de ir a essas e também às da Ecovida. Cada curso que faço, parece que um machado abre minha cabeça.*

Pergunto se ele gosta de trabalhar com manejo ecológico, agroflorestal, mais ainda, com biodinâmica.

— *Gosto, assim trabalho menos. Uso os preparados*

biodinâmicos em toda a área e noto a diferença.

Dirijo-me um pouco à Maria, que está todo o tempo na conversa. Atenta e calada. Ela comenta que sempre participou das decisões com Tiriva, que gosta de viver onde vive, de trabalhar na roça e com Agricultura Ecológica. Praticamente nunca lidou com veneno. Como usual entre as mulheres, dá uma especial atenção à saúde da sua família.

— *Não gastamos nada com remédio. Tem gente que faz compra em farmácia igual em supermercado.*

Tiriva arremata nossa conversa falando da qualidade de vida que eles percebem ter vivendo ali. Boa alimentação, ar puro, tranquilidade. E água boa!

— *Laércio, quando vamos à cidade, eu e a Maria, só de passar da ponte começamos a nos sentir mal. Chego em casa de tarde, com dor de cabeça e louco de sede, porque sou pior que o burro do meu avô, só tomo a água de casa!*

